

D.N. - 14.6-47

Domingo, 28 de Dezembro de 1958

RUBEM BRAGA

MAQUIAVEL

SOU um desses leitores vagabundos e caprichosos, que pega um livro por veneta e passa alegremente de um volume de poemas a um estudo sobre terminologia topográfica; mas confesso minha queda pelas biografias. Foi uma releitura do «Príncipe» que me fez pegar esse «Maquiavel» de Oskar Von Wertheimer, em tradução brasileira, que estava há muito tempo fechado em minha estante. Gabava-se Maquiavel de um conhecimento das ações dos grandes homens, aprendida «con una lunga esperienza delle cose moderne e una continua lezione delle antiche». Dir-se-ia que Camões leu esse prefácio do «Príncipe» quando diz que «não me falta na vida honesto estudo a uma longa experiência misturado»; mas tenho lembrança de algo semelhante em Petrarca ou Dante, autores que ambos amavam e seguiam.

De tudo que já li sobre Maquiavel esse livro de Wertheimer me parece o mais razoável; o que é fácil de admitir porque houve muito antes dele quem desfizesse a enorme trama de equívocos e injustiças tecida durante alguns séculos em torno da figura do florentino.

Para quem viveu alguns meses na Toscana em guerra, mais de quatro séculos depois das lutas em que se envolveu Maquiavel, uma excursão por aquê tempo não deixa de ser curiosa. Parecem-nos guerras de brincadeira, aquelas entre Pisa e Florença; mas de vez em quando, como por exemplo numa referência ao Passo de Futa, sentimos que afinal de contas a geografia continua com uma importância que a técnica moderna de guerra não alterou. É verdade que em menos de 15 minutos um só bombardeio americano arrebentou toda a parte de Pisa que interessava arrebentar, inclusive as pontes e os «lungarni»; mas o Passo de Futa custou a vida a dezenas de milhares de soldados americanos. Mas não é apenas a geografia que permanece; também o homem... Esta é a reflexão mais triste que nos acode ao ler Maquiavel, ou seu biógrafo.

As vezes somos tentados a achar que melhoramos um pouco. Mas basta pensar alguns minutos na política e nas guerras destes 58 anos de nosso século para reconhecermos a dolorosa atualidade das lições do «segretario della Repubblica...».

C M 7.8.51

212